

GRANDE PRÉMIO TV: OS INTERPRETES E AS CANÇÕES

Poucos dias faltam para que o estúdio da RTP, no Lumiar, se reanime de luzes e de canções, constituindo o cenário do maior certame que, entre nós, tem lugar no plano da música ligeira: o Grande Prémio TV da Canção. Entre as dez finalistas, uma certa canção tem já assegurado lugar entre as canções representativas dos países europeus que disputarão, em 16 de Abril próximo, o Festival Eurovisão da Canção. Na verdade, os elementos do júri nacional, espalhados pelas 18 capitais de distrito do continente, ouviram já as dez canções registadas em fita magnética no pretérito fim de semana. Os jurados começaram já, portanto, a formar uma ideia do conjunto das composições, de molde a escolherem, no momento próprio, aquela a que, por sorteio, caberá o primeiro lugar no desfile perante a Europa



SIMONE: DE QUALQUER MODO EM LONDRES

Simone de Oliveira aparecerá — um tanto inesperadamente, aliás — a defender as duas últimas canções da noite: «Dentro de outro mundo» e «Canção ao meu piano velho». Inesperadamente, porque a cançonetista de «Lado a lado» e de «De degrau em degrau» declarou, em tempos, que não estava interessada em festivais. Que tem Simone contra os festivais? «Não é propriamente a responsabilidade do festival que me incomoda: é o que depois se diz, os comentários que se seguem...»

De qualquer modo, Simone está presente: «Gosto particularmente da canção «Ao meu piano velho» e vou decidida, como sempre, a fazer o meu melhor. Veremos o que acontece. A decisão, essa pertence ao júri». Fala-se de uma ida de Simone a Luanda e ao Brasil. Entretanto, a grande preocupação é o Grande Prémio TV, em que se estreou em 1964, com um 3.º lugar conquistado para «Olhos nos olhos». (No ano seguinte esteve em Nápoles, diante da Europa, obtendo um voto monegasco



TONICHA: DUAS CANÇÕES ANTAGÓNICAS

Antónia Tonicha será a segunda cançonetista do «naípe», mas voltará a cantar em oitavo lugar, cabendo-lhe defender, respectivamente «Fui ter com a Madrugada» e «Calendário». A cançonetista bejense, de 21 anos, revelada em 1966, com a vitória obtida num festival da Figueira da Foz, tem-se preparado aturadamente para a final. Para além dos ensaios oficiais, organizados pela R. T. P. Tonicha está a preparar-se através de lições particulares, ensaiando algumas horas por semana com o pianista Jorge Costa Pinto. Antagónicas entre si — uma de esperança, outra de desilusão — as duas canções são, porém, consideradas pela artista como estando dentro do seu estilo. Bem sabe que, no Grande Prémio, «não está em causa o artista, mas sim as canções», mas isso não é razão para descurar a preparação — antes pelo contrário: «É um festival que traz responsabilidades... sempre está em jogo uma ida ao estrangeiro». Sendo a primeira vez que está presente, pode revestir-



-se de algum significado o facto de ter sido convidada por cinco equipas de autores concorrentes, tendo feito chegar à final duas das seis canções por si apresentadas a concurso.

AS CANÇÕES E QUEM AS CANTA

- 1 — «Vento não vou contigo»: Mirene Cardinalli.
- 2 — «Fui ter com a madrugada»: Antónia Tonicha.
- 3 — «Pouco mais»: Nicolau Breyner.
- 4 — «Ao vento e às andorinhas»: João Maria Tudella.
- 5 — «Verão»: Carlos Mendes.
- 6 — «Balada para D. Inês»: José Cid.
- 7 — «O nosso mundo»: António Calvário.
- 8 — «Calendário»: Antónia Tonicha.
- 9 — «Dentro de outro mundo»: Simone de Oliveira.
- 10 — «Canção ao meu piano velho»: Simone de Oliveira.

DOIS AUSENTES — Dos representantes anteriores de Portugal aos festivais da Eurovisão, apenas dois — Madalena Iglésias (1966), Eduardo Nascimento (1967) — não estarão presentes na prova eliminatória para o Grande Prémio Eurovisão da Canção, pois é este, essencialmente, o objectivo dos festivais nacionais. Dos restantes, Calvário (1964) e Simone (1965) voltam de novo, à liça. Madalena obteve seis votos, no Luxemburgo. Eduardo Nascimento, por seu turno, o ano passado, apenas arrecadou três pontos, após a sua exibição (pobre) no Palácio Imperial de Viena. O angolano, que nasceu para o grande público com a vitória da canção que defendia — «O Vento Mudou» — voltou rapidamente àquele modesto nível de popularidade próprio dos cantores de «boite». Será, que este ano, teremos novo êxito de duração efémera? Ou a vitória de um consagrado? Ou a sólida e expressiva vitória de um novo?

MIRENE CARDINALLI: SEMPRE UMA ESPERANÇA

Em Luanda, Mirene Cardinalli ganhou um título — «Rainha da Rádio de Angola». E um prémio-viagem ao Continente e actuação na R. T. P.: para ser aceite nos estúdios do Lumiar, teve de se submeter às habituais provas de admissão.

Um mundo de projectos. Sonhos, a realização artística. «Quando assinei contrato para gravar o meu primeiro disco, as lágrimas rolaram-me pela cara. Cantava já há dezassete anos e via fugirem-me as esperanças. Talvez as pessoas não acreditassem em mim. Talvez lhes parecesse impossível que num corpo tão franzino morasse uma voz tão forte...» Um ano na Metrópole.



Um ano para mostrar o que valia. Três discos gravados, actuações na Emissora e no Casino do Estoril, espectáculos por todo o País, presença nos festivais de Orense, Aranda do Douro, Fi-

gueira da Foz e Espinho: Mirene está satisfeita.

Agora, o Grande Prémio TV. Vai defender a canção «Vento não vou contigo». «Acho a música linda e invulgar. A letra, essa consi-

dero-a excepcional, disse-nos. Tenho muita fé na canção. A melodia tem duas partes distintas, é sentimental mas não fatalista, acho que se situa no nível internacional. Além de que «Vento não vou contigo» marca uma etapa na minha carreira, um novo estilo, uma nova forma de interpretar. Sim, gostava que a canção ganhasse, é difícil de cantar, mas desde o dia 20 de Janeiro que a ando a ensaiar, antes mesmo de ser enviada a concurso. «Vento não vou contigo» estava destinada a ser gravada por mim.»

Um sorriso. De esperança? «Há sempre uma esperança. Bom seria que o júri atendesse apenas às canções e não aos intérpretes, que não se deixasse influenciar...»

SEGUE

GRANDE PRÉMIO TV

NICOLAU BREYNER: CANÇÃO MELODIOSA E FORTE

Único actor-cançonetista português, o serpense Nicolau Breyner (27 anos) defende «Pouco mais», uma canção que, como ele próprio afirma, é «muito melodiosa e forte, tendo por tema o amor — o que sucede em 99 por cento das canções». Entrado na vida artística aos 20 anos, pela mão de Ribeirinho («Leonor Teles», no Trindade, contracenando com Eunice), Breyner viu-se, seis anos depois, no programa «Minuto zero» da TV, na passagem do ano de 1966 para 1967, diante de uma nova vocação: a de cançonetista. Havia já cantado numa revista de que não guarda boa recordação, mas a estreia oficial foi aquele programa para o qual Jorge Costa Pinto convidara alguns artistas não cançonetistas para cantar. Breyner ficou — e hoje procura servir a canção e o Teatro com igual devoção. Especialmente talhado para alta comédia e tragicomédia («o público não aceita esses géneros porque são deveras difíceis»), Nicolau Breyner reparte-se actualmente entre o teatro musicado e a canção. Na sua carreira, de actor, passou pela Empresa Vasco Morgado, foi um dos fundadores do Teatro Moderno de Lisboa (onde esteve um ano),



voltou à Empresa Vasco Morgado e passou fugazmente pelo Teatro Villaret («onde passei um tempo muito agradável, quer sob o aspecto profissional, quer devido às amizades que cultivei»). Tem três discos gravados: o quarto sairá em meados de Março. Breyner pensa que este festival reúne algumas boas canções e que aquela que vai defender é uma delas: «inscreve-se numa linha romântica que, felizmente, está a invadir novamente a música ligeira».

JOSÉ CID: D. INÊS ANTES DAS «MARCHAS FINAIS»

José Cid (25 anos) destacar-se-á, por momentos, do Quarteto 1111, do qual é habitualmente vocalista, para interpretar diante das câmaras uma «Balada para Dona Inês» inspirada numa figura da História de Portugal que o intérprete pensa poder elevar-se à categoria de símbolo do amor universal. Ribatejano de origem, José Cid estudou em Coimbra, onde, há dez anos, faz parte de um dos primeiros conjuntos «pop» constituídos em Portugal — os «Babies» — em que tinha por companheiro o actual baterista do Thilo's Combo. Quando ingressou na Faculdade de Direito da



CALVÁRIO: UMA MENSAGEM DE FRATERNIDADE

Foi quase de surpresa que António Calvário surgiu no elenco que interpretará as canções finalistas. (Motivo: a desistência forçada de Maria de Lourdes Resende, durante muito tempo ausente em Moçambique, onde foi receber um prémio de popularidade). Reveste-se, contudo, de aspectos estranhos a sua não inclusão no naipe de artistas inicialmente convidados para defender as canções apresentadas ao júri de selecção. Presente em todas as anteriores edições do Grande Prémio TV da Canção (foi o primeiro português a exibir-se diante da Europa, em Copenhaga, em 1964), Calvário não fora escolhido por circular um boato, segundo o qual o cançonetista moçambicano, de 29 anos de idade, teria declarado não estar interessado em participar no festival. Afinal, era mesmo boato: os autores da canção «O nosso mundo» verificaram que António Calvário acolhia com satisfação o convite para substituir a «feia-bonita». O cançonetista afirma: «Fiquei satisfeito, porque se desfez um boato e porque, nunca tendo estado ausente na série de festivais de apuramento para a Eurovisão, mais uma vez estou presente. É uma oportunidade, que surge uma vez por ano, de actuar na TV com uma grande orquestra, e que recorda o tempo dos programas directos, sem «play-back», portanto com mais responsabilidades». E acrescenta: «Mesmo que me coubesse a pior canção do festival, só o facto de estar presente era suficiente para me sentir satisfeito». Foi já



Universidade de Coimbra, transferiu-se para o respectivo «Orfeon», de cujo conjunto de «jazz» fez parte. Datam desse tempo as suas primeiras tentativas (com Fernando Alvim, actual viola do conjunto de Carlos Paredes) para criar música nova, aliás, sem êxito. No 3.º ano do curso de Direito, decidiu que não seria advogado, matriculou-se no I. N. E. F., em Lisboa, e foi um dos fundadores do «1111». Ao mesmo tempo que concluía o curso de professor de Educação Física (falta-lhe apenas o estágio), participou no longo trabalho «de laboratório» do qual resultou a «Balada de D. Sebastião», trecho que tem já assegurado lugar destacado entre a produção da música ligeira portuguesa. Com defensores e detractores, o estilo «1111» vale como um sím-

bolos de contradição. De qualquer modo, José Cid, que é soldado-cadete de Escola Prática de Cavalaria, onde se prepara para ser oficial miliciano da Polícia Militar, já está autorizado pela sua unidade a apresentar-se na RTP, na noite de 4 de Março. Sentado no cravo, José Cid cantará a «balada», enquanto dissimulados na grande orquestra, os restantes elementos do «Quarteto 1111» cantarão um coro, ao mesmo tempo que ajudarão com cítara (Michel), viola de doze cordas (António) e viola-baixo (Jorge). Depois de interpretar a canção que lhe coube, e de saber o resultado do certame, José Cid partirá para Santarém: nessa manhã, às 6 e 30, a alvorada do quartel será o sinal de partida para as «marchas finais» do seu curso.



VICTOR MANUEL: FESTIVAL DE MOVIMENTO

Victor Manuel, 43 anos, ligado à R.T.P. desde a primeira hora (há 11 anos), assinará a realização do V Grande Prémio TV da Canção. Sucede, no cargo, a seu irmão, Luís Andrade: chamam-lhes, por graça, os «irmãos Lumiar». Antigo homem de cinema (trabalhou com Aquilino Mendes, tendo realizado — além de inúmeros documentários destinados à Suíça, à Espanha e a França — o filme «A pousada do passado»), Victor Manuel estudou «Realização» no Instituto de Artes e Ciências Cinematográficas, de Hollywood, com vista ao ingresso na Radiotelevisão Portuguesa. Há cinco anos, ingressou no quadro de realizadores. Cabe-lhe agora a responsabilidade do maior festival televisivo do ano (em Portugal). Diz-nos: «Num espectáculo deste tipo — em que, aliás, não pode haver «espectáculo» — é mais importante a preparação do que a realização em si. Penso que me competirá construir algo do espectáculo, promovendo um maior ritmo e mais emocionalidade, esta afectada pelo próprio ritmo. Isto é: adaptar os claros e escuros, as mudanças de planos ou qualquer outro pormenor importante ao tipo de canção a interpretar. No meu entender, as canções não devem ser servidas de igual modo: a uma canção ritmada deverá corresponder maior movimentação, assim como

uma composição mais melodiosa deverá implicar maior tranquilidade. Temos, assim, a primeira grande novidade: diferente tratamento de cada interpretação no sentido de auxiliar cada uma das canções de per si. Mas o V Grande Prémio reserva mais algumas surpresas agradáveis: não haverá telefones para o contacto final com os júris distritais, a votação dos jurados não será registada a giz num quadro preto, e os cenários mover-se-ão, em certos momentos-chave do festival. O telefone será substituído por 36 linhas telefónicas entre a RTP e os locais em que se encontram os júris distritais (uma linha em cada sentido, de modo a ser igual o volume da voz do locutor e do porta-voz do júri). Por seu turno, o quadro preto e o giz darão lugar a um quadro electrónico que está a ser montado pela divisão de operações da RTP. Quanto aos cenários, são susceptíveis de correr como cortinas, após a exibição de todos os intérpretes e dando lugar ao quadro de registo da pontuação. Mais tarde, uma vez conhecido o resultado, correrão de novo, voltando a mostrar a grande orquestra que tornará a interpretar a canção mais votada, acompanhando o artista mais feliz da noite. Este será o grande espectáculo de Victor Manuel: com o auxílio de quatro câmaras (previstas), dos cenários de António Botelho, da iluminação de Braz Ruiivo e de dezenas de outros artistas de bastidores.

OS APRESENTADORES

HENRIQUE MENDES: TOTALISTA DO FESTIVAL

Totalista dos Grandes Prémios, Henrique Mendes, 37 anos, será, uma vez mais, o apresentador do festival de onde sairá a canção representante de Portugal na Eurovisão. Está há 9 anos na R.T.P., onde já fez apresentações de todos os tipos: variedades (durante anos a fio), reportagens de exteriores, filmes em «off», etc. Fez um curto estágio (por conta própria) em Londres, na BBC e na ITV. Esteve em Nápoles, onde assistiu ao «Grande Prémio Eurovisão» em que participou Simone e, também, no Festival do Rio, em 1966. Sobre o festival português de canções da TV portuguesa, pensa que é dos melhores que se fazem em toda a Europa. «Se correr tão bem como o ano passado, será indubitavelmente muito bom, em comparação, por exemplo, com este último Sanremo. É pena que as pessoas se humilhem diante de Sanremo e não aplaudam o que de bom se faz na nossa TV». No final do V Grande Prémio, Henrique Mendes irá divertir-se até de manhã, com amigos e elementos dos bastidores do Festival: «Já é uma tradição: uma grande «farras» para esquecer os nervos, para descontraír».

Rádio (programa «Entre as 10 e as 11», produzido pelos Parodiante em R. C. P.), as tarefas de dona de casa, e a TV (onde é uma das quatro locutoras-apresentadoras «efectivas»), Maria Fernanda confessa-se muito satisfeita por participar de algum modo no festival, considerando



MARIA FERNANDA: DESTA VEZ O GIZ É ELECTRÓNICO

Aos 29 anos (e casada) Maria Fernanda será, pela segunda vez, apresentadora do Grande Prémio (a primeira, foi em 1966). Antiga empregada de escritório (secretária e correspondente) e locutora do S.N.I., entrou para a R.T.P. em 1958, mediante concurso de provas públicas. Dividindo a sua actividade entre a

o facto como um estímulo. Apresentar-se-á com um vestido simples (com o acordo do realizador) e afirma-se radiante pela inovação do quadro electrónico, que lhe evitará o nervosismo de «contar pelos dedos» e de se enganar nas somas. De facto, este ano o giz e o quadro preto serão substituídos por um quadro electrónico.



GRANDE PRÉMIO TV

TUDELLA: UM HINO A PAZ

João Maria Tudella, defenderá a quinta canção do serão: «Ao vento e às andorinhas», um hino à Paz e à harmonia entre os homens. «Sinto-me honrado por ter sido escolhido para interpretar esta canção», afirma. «Vou para ganhar, e oxalá

que os outros intérpretes vão com o mesmo espírito. Independentemente da classificação obtida julgo que sairei prestigiado, só pelo facto de interpretar esta canção. Mesmo que fique em último lugar...» Actualmente, Tudella pouco aparece em espectáculos públicos: «Não apareço em quantidade, mas



CARLOS MENDES: UMA CANÇÃO ENTRE DUAS AULAS

Entre uma aula de Matemáticas gerais (às 17 horas de segunda-feira, 4, dia do festival, na Faculdade de Ciências) e outra de Arquitectura Analítica (na Escola Superior de Belas Artes, no dia seguinte, às 8 horas da manhã), Carlos Mendes, 21 anos, ex-vocalista do conjunto «Os Sheiks», apresentará à gigantesca plateia televisiva a quinta canção do certame: «Verão», uma melodia leve — «simples e sem dificuldades». Já no concurso de 1967, havia sido convidado para defender uma das canções concorrentes, mas estava a preparar os exames do 7.º ano e de aptidão à Universidade. Porque a vida artística em regime de profissionalismo lhe havia já prejudicado demasiado os estudos (feitas as contas, dois anos perdidos), abandonou «Os Sheiks», de que fizera parte, como vocalista e viola-ritmo, durante três anos. É a primeira vez que

concorre a um festival: «Nunca gostei de competir, mas, neste caso, são as canções que estão em jogo, e vou tentar o melhor que posso e sei. Gosto da canção: penso que foi intenção dos autores fazer algo de novo, quer no aspecto musical, quer sob o ponto de

sim em qualidade, em espectáculos seleccionados. De resto, penso que em toda a minha carreira (estou na Metrópole há cinco anos) apenas fui artista meia dúzia de vezes: nos recitais do Tivoli e pouco mais». Veio em Junho de 1962, abandonando Moçambique — onde deixou um cargo de inspector de uma grande empresa de petróleos — para conquistar um lugar na canção nacional. «Tenho pena, mas não estou arrependido. Havia criado «Kanimambo» — e com essa melodia se manteve oito anos à frente dos mais vendidos em disco (o «reinado» terminou o ano passado com «Oh! tempo volta p'ra trás» de Mourão). Soma hoje 38 E. P., 6 «singles» e 12 L. P., sendo muitos desses discos edições estrangeiras. Recentemente, estreou-se como autor de canções sendo, também, desde há algum tempo, cronista de uma revista. Perante as dez canções candidatas (que já conhece) não distingue a melhor: «O que interessa é o gosto da maioria — e eu, se bem me parece, faço parte da minoria...»

vista poético». A canção — melódica mas possuidora de ritmo — estará à venda, a partir do dia 11 de Março, na voz de Carlos Mendes, que, entretanto, está disposto a fazer o melhor que souber: «Há sempre uma esperança», afirma, a concluir o seu depoimento.



MAESTRO JOAQUIM LUIS GOMES: ALGUMAS NOVIDADES

«Ao orquestrar as canções finalistas, apenas me coube «vestir» as melodias que se me prepararam, escolhendo para elas a indumentária mais adequada». Maestro diplomado pelo Conservatório Nacional, onde cursou vários instrumentos e concluiu o curso superior de Composição, Joaquim Luis Gomes será o director do conjunto de músicos que acompanhará os defensores das canções finalistas, e caber-lhe-á dirigir, em Londres, a



grande orquestra da Eurovisão, enquanto actuar o representante português. «As dez canções finalistas do Grande Prémio parecem-me trazer algumas novidades, mercê da actividade de compositores jovens, sendo as composições vazadas em termos novos». O maestro Joaquim Luis Gomes foi, há quatro anos, o introdutor da guitarra como instrumento de orquestra: O estrangeiro tomou-lhe a ideia e generalizou-a. Entre outras, J. L. Gomes é autor da melodia de «Vendaval», de «A Rua dos meus ciúmes» e de «Lisboa à noite». Quanto à presença de uma canção portuguesa em Londres, afirmou-nos: «É uma ocasião admirável para contactar com ambientes modernos e evoluídos no aspecto musical, o que poderá contribuir para uma afinação das linhas poético-musicais da nossa música. Por mim, penso que poderemos obter um bom lugar. E julgo que será, igualmente, uma oportunidade a aproveitar no sentido de introduzir mais profundamente a música portuguesa no estrangeiro».